



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

A ‘EDUCAÇÃO DA ATENÇÃO’ E A CONSTRUÇÃO MORAL DE UMA SALA DE AULA

Leonardo Henrique Brandão Monteiro

monteiro.hb.leonardo@gmail.com

UFSCar – Universidade Federal de São Carlos

Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo geral refletir acerca da relação entre professores e alunos, não focalizando a relação pedagógica. Mas, com enfoque no modo se constrói a partir de uma grande quantidade de conflitos, tensões e ambiguidades certa moralidade na sala de aula de escolas de educação básica. A metodologia utilizada neste trabalho envolveu a observação participante, que assim como assinala Goldman (2003), consiste em um esforço de não apenas interrogar os agentes - no caso em questão envolvidos no ambiente escolar - mas captar suas ações, discursos e práticas não-discursivas. A construção do trabalho se encontra em primeiramente uma discussão acerca da escola na Modernidade e de que forma esta foi vital para a construção de uma escola nos moldes como conhecemos hoje. Após isto discuto os modos pelos quais a autoridade do professor se vê ameaçada. Há também uma atenção a uma literatura que concebe os modos pelos quais a escola se constitui como uma instituição moral. Mas, o grande objetivo das reflexões deste trabalho está em pensar a partir daquilo que Ingold (2010) chamou de 'educação da atenção' as formas pelas quais os comportamentos são aprendidos e ensinados dentro de uma sala de aula, a considerando como um campo prático permeado por sua(s) moralidade(s) própria(s). Os dados qualitativos retirados de observações do cotidiano de salas de aula, serão unidos a uma vertente do pensamento que considera os modos que os conhecimentos podem ser transferidos a partir de influências presentes no ambiente e não através da entrega de representações criadas a partir de um 'corpo de informações desencorpadas'. Deste modo, a construção da reflexão se encontra no modo pelo qual serão construídas moralidades no espaço escolar através da relação professor-aluno. Estas moralidades seriam constituídas na experiência e na vivência seja dos professores, seja dos estudantes. Portanto, o objetivo do trabalho se encontra em pensar como a relação estabelecida entre professor e estudantes, condiciona estes atores a criarem toda uma gama de habilidades que terão grande influência sob comportamentos e moralidades que existirão dentro de uma sala de aula do ensino básico.

ABSTRACT

This paper aims to reflect on the relationship between teachers and students, not focusing on the pedagogical relationship. But with focus on the way one builds from a lot of conflicts, tensions and ambiguities certain morality in the classroom of basic education schools. The methodology used in this work involved participant observation, which, as Goldman (2003) points out, consists in an effort not only to interrogate agents - in this case involved in the school environment - but to capture their actions, speeches and non-discursive practices. The construction of the work is at first a discussion about the school in Modernity and how it was vital for the construction of a school as we know it today. After this I discuss the ways in which the teacher's authority is threatened. There is also attention to a literature that conceives of the ways in which the school is constituted as a moral institution. But the main purpose of the reflections in this paper is to think from what Ingold (2010)



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

called 'attention education' the ways in which behaviors are learned and taught within a classroom, considering it as a practical field permeated by their own morality(s). The qualitative data taken from observations of the everyday classroom will be linked to a thought strand that considers the ways that knowledge can be transferred from influences present in the environment and not through the delivery of representations created from a ' body of misinformation '. In this way, the construction of reflection is in the way in which moralities will be built in the school space through the teacher-student relationship. These moralities would be constituted in the experience and experience of both the teachers and the students. Therefore, the objective of the work is to think as the relationship established between teacher and students, conditions these actors to create a whole range of skills that will have great influence under behaviors and moralities that will exist within a classroom of basic education.

Palavras-chave

Educação da atenção; Relações professor-aluno; Relações professor-professor

Keywords

Education of attention; Teacher-student relations; Teacher-teacher relations



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

I. Introdução

O autor é mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar e possui experiência dentro das escolas do estado de São Paulo nos papéis de aluno, professor e pesquisador.

As reflexões inseridas neste trabalho se situam temporalmente entre duas pesquisas empíricas. A ida a campo ocorreu de forma natural, não havia uma pesquisa a ser empreendida, mas o olhar continuava enviesado na busca da compreensão do ambiente escolar. Este trabalho intenta refletir sobre a construção do ambiente moral da sala de aula, a partir das ações sociais corporificadas pelos atores escolares. Deste modo, o que trago para esta reflexão são apontamentos, que pretendem, talvez, servir de base para a realização de análises mais apuradas no futuro. Mas que de qualquer forma, pretendem mover discussões sobre a construção do ambiente escolar, principalmente, no que tange a construção de uma moralidade mediada pela lógica (in)disciplina, a partir daquilo que Ingold (2010), nomeou como educação da atenção. O objetivo deste *paper* é trazer elementos que permitam enriquecer a reflexão das relações professor-aluno e professor-classe, a partir das noções trabalhadas.

II. Marcos teóricos

A. Escola e Modernidade: Entre sociedades de disciplina e sociedades de controle

A escola como instituição se constitui na época áurea das institucionalizações, assim se constitui paralelamente a consolidação dos hospitais, quartéis e outras instituições de sequestro (FOUCAULT, 1987). Esta instituição é resultado de uma diversa gama de processos que reverberam, de certo modo, até hoje. Dubet (2005), analisa 4 destes: a) a construção dos valores escolares como valores sagrados, mesmo em escolas laicas há, por exemplo, o nacionalismo, a cidadania e a ciência, que parecem pairar acima de qualquer crítica; b) a transcendência dos valores escolares que se traduz em professores que deveriam possuir como vocação o ensinar; c) a escola ao situar fora do mundo tentou por muito tempo ser uma espécie de santuário, com regras próprias e modalidades próprias de separar o resto da vida social do ambiente de escolarização e; d) a socialização no mundo escolar corresponde a um projeto de subjetivação específico de crianças e jovens. Este tipo específico de



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

institucionalização do ensinar as novas gerações comportava uma grande legitimidade que dotava o professor de uma incrível autoridade em sala de aula. O período temporal tocante a consolidação deste tipo de escolarização remete ao que Michel Foucault classificou como sociedades disciplinares. Hodiernamente vivenciamos um declínio da modalidade disciplinar de dispersão do poder sobre o tecido social. Este declínio cria uma perda da legitimidade da escola e por consequência do professor enquanto figura de autoridade.

Foucault (2006), em conferencia de 1978, aponta a crise das sociedades disciplinares. Mas longe ser uma crise da Modernidade, este enfraquecimento da lógica disciplinar significa um aprofundamento de elementos encontrados na própria Modernidade. A hegemonia das sociedades disciplinares, segundo Deleuze (1992), entra em crise após a segunda guerra mundial. A forma organizacional da sociedade que se baseava em uma sucessão de espaços fechados, onde um olhar pudesse organizar e disciplinar o espaço, começa a decair. A lógica etérea das sociedades de controle ascende, fazendo com que o confinamento não seja mais necessário, o controle passa a ser exercido sob os sujeitos de forma continua pelo globo terrestre. Este processo, reflete de certo modo uma mutação do capitalismo, que deixa de ser focado na lógica industrial, da fábrica, e passa a ser focado na lógica financeira, incorpórea, do mercado de ações. O sociólogo francês Dubet (1998), assinala que no mundo hodierno a educação não se encontra apenas na escola, mas em uma pluralidade de locais. De maneira que as novas gerações de hoje se veem educadas pela mídia e por um sistema de relações sociais que passam a ser cada vez mais instáveis, complexos e abrangentes. A desinstitucionalização dos sujeitos se torna a tônica (DUBET 1998), assim como a lógica etérea das sociedades de controle descritas por Deleuze (1992).¹

B. Crise da autoridade docente

As análises de Arendt (1972) e Adorno (1999), sobre o papel do professor na escolarização nos traz elementos para pensarmos a constituição desta figura como autoridade moral. Para Arendt (1972), a criança é um ser humano em construção e o processo educativo é parte da construção deste

¹ Em face a estes processos há a emergência de uma 'pedagogia dos projetos' (SARAIVA, 2014) que possuiria uma menor força dos elementos disciplinares apontados acima, adentrando a uma nova lógica do capitalismo, classificado pela autora como neoliberal.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

novo ser humano. Para a filósofa a educação é um *apresentar* o mundo, de modo que a escola serviria como uma instituição que intermediaria o mundo privado da família com o mundo público. A autoridade do professor nesse contexto repousaria no próprio professor, por este ser o responsável por apresentar o mundo a nova geração, “como se ele fosse um representante de todos os habitantes adultos” (p. 239). Adorno (1999), aponta em linhas gerais como o professor exerce o magistério em uma perene antinomia, sendo alvo de sentimentos ambivalentes por parte dos estudantes. Dentro do mundo escolar as representações e os tabus ligados ao magistério seriam, segundo o pensador alemão, trazidos à tona, pois os docentes da educação básica possuiriam um poder que seria uma espécie de paródia do poder real. Ao mesmo tempo, estes seriam instrumentos de um processo civilizador, ou perpetradores de uma violência simbólica, em termos bourdieusianos. De modo que, o poder dos professores face as crianças e adolescentes seria uma delegação de uma classe dirigente, o que os tornaria bodes expiatórios para as frustrações dos atingidos por esta dinâmica. Sendo que um desprezo ao professor se alimenta de diversos fatores, inclusive, sobre o fato de seu poder ser exercido sobre sujeito ainda em formação, o que denotaria uma infantilidade do próprio profissional. Ao mesmo tempo este profissional substituiria a representação do pai, como referência de adulto para os alunos.

Arendt (1972) afirma que os confrontos contra a autoridade e as formas de se enxergarem o mundo no século XX formataram adultos que recusavam assumir responsabilidade pelo mundo que trouxeram as crianças. Deste modo, a crise da autoridade estaria ligada a uma crise na tradição e na forma como os seres humanos estariam encarando o passado, sendo assim o século XX teria minado os dois pilares do modelo educacional vigente. A autora defende a necessidade da construção de um mundo que respeite a autoridade, se torne coeso na tradição e tenha no espaço público confronto de adultos em igualdade de condições.

C. A(s) moralidade(s) escolar(es)

Durkheim (2002) aponta o papel do educador enquanto um mediador do mundo moral e os jovens. Para este autor, a escola exerce papel fundamental e a frente da família na formação moral dos seres humanos, no que tange sociedades baseadas no racionalismo iluminista. De mesmo modo, argumenta a centralidade da disciplina como uma contentora de disposições exageradas que seriam uma espécie de patologia. As regras morais, enquanto exteriores aos indivíduos devem ser ensinadas



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

e o seu ensino tendo a escola como lugar para isto deve se basear na autoridade que também externa as consciências individuais se constitui como base de uma obediência consentida. O educador, portanto, deve agir sobre as disposições fundamentais do temperamento moral do educando (Op. Cit., p 92), exatamente por esta razão este deve estar revestido de autoridade, para incutir determinada moralidade ao alunado.

Segundo Varela e Alvarez-Uria (1992), a escola é uma maquinaria de aperfeiçoamento moral. Os hispanohablantes mostram que a lógica durkheiminiana de uma educação moral das crianças se estende por todo o século XX. Desta maneira, sendo uma instituição que se preocupa em perpetrar valores, a escola teria como objetivo, portanto, ensinar aos alunos determinada hierarquia sobre diferentes valores morais. Mas, a introjeção de valores morais não ocorre de maneira pacífica. O ambiente escolar comporta toda uma gama de ambiguidades, conflitos e valores concorrentes. Será nesta caótica cacofonia que docentes e gestores escolares educam. Educação neste caso que não se refere apenas a transmissão de conhecimentos específicos aos estudantes, mas de toda uma moralidade. A escola fabrica(va) estudantes, mas este modo de escolarização parece não combinar com o mundo hodierno.

O sociólogo francês François Dubet (1998) tece importantes contribuições a compreensão das relações escolares ao que tange pensar como os sujeitos hoje se constroem por diversas frentes, ou seja, há uma paulatina *desinstitucionalização* em curso. De forma que a escola perde o seu caráter institucional, mas não de todo. A socialização construída passa a ser baseada em outros paradigmas. O francês, argumenta que a personalidade passa a ser mais importante que o papel social nesta construção. De modo que, as paixões e os valores individuais se sobrepujam aos valores de grupo e ao que se espera de determinado papel social. Não que o papel social se esvazie e a personalidade do indivíduo seja o que determina quem é estudante, ou professor, por exemplo. Mas esta personalidade, esta experiência própria passa construir diferentes tipos de atores sociais para os mesmos papéis que agem de modos diferentes, por vezes até opostos.

A escola para incutir seus alunos de determinada moralidade, o faz não raro através de castigos, ou sanções que demandem a presença dos responsáveis dos alunos, o que deixa nas entrelinhas claro que estes pais devem castigar seus filhos, pela falta cometida pelos mesmos. Nietzsche (2009),



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

argumenta que o castigo não melhoraria o ser humano, mas o domaria. De modo que a inculcação dos valores não se daria por meio absorção de que aqueles seriam valores dotados de certa superioridade em relação a outros, mas que é necessário um controle sobre si mesmo, para não acarretar em um novo castigo. O filósofo, também enxerga no castigo não uma melhoria moral para o castigado, mas um ressarcimento do dano que este cometera. Deste modo, o castigo não é em prol do castigado, mas funciona como uma válvula de escape para aqueles que se sentiram lesados pela conduta de determinado sujeito. La Taille et. al (1992), afirmam que em determinados momentos quando este castigo ou sermão se torna público o sujeito alvo passa por situações vexatórias que o marcam de forma indelével. Inclusive, citam como exemplo um aluno de uma escola militar que cometeu suicídio após seu nome ser anunciado no alto-falante da instituição depois de o mesmo haver ‘colado’ em uma avaliação. Mesmo, o estudante tendo se valido desta modalidade desonesta, o sentimento de vergonha desencadeada pelo anuncio nos alto-falantes foi tamanho que o discente tirou sua própria vida.

D. Educação da atenção e a construção ‘artificial’ da(s) moralidade(s)

O conceito que irá servir de base à análise desenvolvida posteriormente neste trabalho, é o conceito de *educação da atenção*, trabalhado por Ingold (2010). O autor defende que o processo de aquisição de conhecimento ocorre a partir de uma sintonia fina entre o ser vivente e o ambiente que o envolve, ou seja, não é nem definido a partir do interior e nem do exterior deste. Desta forma, habilidades como a linguagem são constantemente geradas e regeneradas. Pois, estas surgem dentro de processos de desenvolvimento, como propriedades de auto-organização dinâmica do campo total no qual a vida de um ser humano desabrocha. Seguindo a trilha deste pensamento, pode-se afirmar que a cognição ocorre em tempo real a ação desenvolvida, e que estes não são dois processos separados. Ingold, inclusive, afirma que quanto mais ‘habilidoso’ a pessoa que for desenvolver a ação, mais a mesma poderá abdicar de desenvolver uma ‘elaboração’ prévia do ato a ser executado. O autor, coloca o acúmulo de conhecimento como uma *jornada*. “Em suma, o aumento de conhecimento na história de vida de uma pessoa não é resultado da transmissão de informação, mas sim da *redescoberta orientada*. [Grifo meu]” (p. 19). Esta redescoberta orientada é que permite que o conhecimento transite de um ser cognoscente, para outro. Esta transmissão é realizada da forma que quem está



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

aprendendo sobre algo, venha a ‘pegar o jeito da coisa’, através de seu ser-no-mundo e através de ações corporificadas. De modo que “(...) cada repasse é um movimento original, não uma réplica” (p. 23). O processo de adquirir conhecimento, seria correlato e simultâneo ao processo de agir no mundo.

Algo que está englobado aos conhecimentos desenvolvidos na esfera da cultura, a problemática abordada por Ingold (2010), é a moral. Para fins deste escrito a moral será pensada como algo artificial, construída nas relações humanas, ou seja, na relação com o(s) outros(s), que opera no âmbito da pré-consciência e que pode ser racionalizável (JULLIEN, 2001). Desta forma, a moralidade analiticamente será tratada a partir de um conjunto de disposições corporais promovidas de forma não-intencional e irrefletida, como afirma, Zigon (2007), e como uma ação corporificada. A moral é um processo que move e orienta a ação dos seres humanos, o que os permite ser-no-mundo de modo prático, ou seja, o que está no fundo de suas ações e que permite que ações sociais sejam desenvolvidas sem que haja uma pausa para a problematização da mesma, ressoarei a noção de ação corporificada [enaction] que Ingold (2010) utiliza em seu trabalho. Pois, ao pensarmos a ação social como uma ação corporificada, podemos pensar que ela é fruto de um aprendizado, ou seja, de uma redescoberta orientada, ou então como uma ação que não necessariamente necessita de uma ‘elaboração’ prévia para ser perpetrada. Deste modo, ao que tange o ambiente moral e disposições práticas de uma sala de aula, podemos pensar a partir de momentos de ‘moral-breakdown’, que não necessariamente interrompem o fluxo de ações corporificadas, como são atualizadas estas disposições práticas de alunos e professores através de suas interações.

III. Metodologia

A metodologia empregada neste trabalho consistiu em um esforço de coleta de dados de caráter qualitativo. A análise se pauta em duas cenas etnográficas. As reflexões metodológicas do trabalho foram construídas e atualizadas a partir, das afirmações de Geertz (1978), Goldman (2003), Marques (2016) e Zigon (2007). Um fornece ferramentas para pensar acerca da construção da etnografia, outro dá elementos sobre como pensar o trabalho de campo quando o que é estudado faz parte do ‘coração’ do observador; o terceiro prove elementos que possibilitam pensar o contexto escolar e a pesquisa de campo que se desenrola neste ambiente específico e o último fornece o ferramental analítico às cenas etnográficas. Geertz (1978), talvez tenha popularizado a mais famosa



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

definição sobre a etnografia a define como uma *descrição densa*. A intenção desta seria interpretativa, acima de tudo. Pois, para ele, o terreno da cultura, se constrói como um local onde as ações sociais possuem intrínsecas a si um significado simbólico. Desta maneira se busca a interpretação da ação social corporificada e não do comportamento individual é o objeto da análise etnográfica. Se realiza uma espécie de diagnóstico *post facto*. “O objetivo é tirar grandes conclusões a partir de fatos pequenos, mas densamente entrelaçados, apoiar amplas afirmativas sobre o papel da cultura na vida coletiva”. (GEERTZ, 1978: 38).

Goldman (2003), argumenta que uma teoria etnográfica deve ter como objetivo elaborar um modelo de compreensão de um fenômeno social, que mesmo que seja produzido em e para contextos particulares, forneça uma matriz de inteligibilidade que funcione em contextos diversos. Para este autor, se trata de deixar a realização de questões abstratas para dirigir o foco do pensamento para como ocorrem os funcionamentos e as práticas da realidade estudada. Para isto, o pesquisador deve se deixar afetar por aquilo que afeta o nativo, esta afirmação quando transportada para o estudo de sociedades complexas, implica que o estudioso deve perceber e se deixar levar por uma afecção, não ao que o inflige como ser vivente, mas por aquilo que afeta as pessoas com quem realiza a sua pesquisa. Marques (2016), traz uma perspectiva voltada ao ambiente escolar. Este autor trabalha com procedimentos práticos para uma observação participante na área da educação. Sua maior contribuição para a reflexão do presente trabalho é pensar que um contato prévio com a instituição permitiria a realização de uma compreensão mais aprofundada da mesma.

O modelo de analítico a ser desenvolvido para as interpretações das cenas etnográficas será baseado em Zigon (2007). Pois, pretende-se “refletir em torno da capacidade de agir dos seres humanos [o que] implica tomar os habitantes da escola agentes ativos, não apenas na transformação das disposições culturais, mas também na sua reprodução” (LEANDRO, 2016: 750). Zigon (2007), situa a moral como objeto de estudo da antropologia. Seu modelo analítico bebe nas ideias de Heidegger, Løgstrup e Badiou. O seu foco repousa nos momentos de ‘moral-breakdown’, momentos nos quais o ‘ready-to-hand’ do indivíduo é abalado e lhe é necessária uma tomada de decisão ética. Esta tomada de decisão tende a ser rápida, para que o ‘ready-to-hand’ possa ser retomado. Esta dinâmica remete ao conceito de ‘Keep Going!’. Ou seja, o ‘being-in-the-world’ ao ser abalado por



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

um momento de ruptura tenta se reorganizar o mais rápido possível através de uma tomada de decisão ética limitada. Irá se refletir sobre se os conflitos gerados pela lógica da (in)disciplina no ambiente escolar que seriam momentos de abalo no ‘ready-to-hand’ dos atores escolares, não necessariamente configurando um momento de ‘moral-breakdown’, mas que resultaria em uma ação que poderia ter sua orientação racionalizada *a posteriori*. Desta forma, este modelo de análise pretende se coadunar com as afirmações de Ingold (2010), no desenvolvimento de uma reflexão sobre a dinâmica do ambiente escolar.

IV. Análise e discussão de dados

Como objeto empírico de reflexão, trago duas cenas etnográficas. A primeira remete a uma professora que ao adentrar a sala dos professores, na hora do intervalo, conta orgulhosamente algo ocorrido em sua sala de aula. A professora em questão estava desde o começo do ano na gestão escolar, de modo que esta havia retornado à sala de aula naquele dia. Desta maneira, a professora era conhecida tanto pelos estudantes, quanto pelos professores da instituição. Descrevo aqui, de forma resumida minhas anotações acerca o relato da professora.

Entrei na sala de aula, um aluno estava de fone de ouvido, pedi para ele retirar, ele não o fez. Então, ‘tomei’ o fone de ouvido dele, peguei uma tesoura, fui até o lixo e picotei o fone de ouvido. Ao aluno protestar e dizer que iria chamar a sua mãe eu falei que se ela viesse de fone de ouvido ‘picotava’ o dela também. (17/10/2016).

Ao finalizar esta história a professora em questão foi saudada pela maioria dos outros professores, que a cumprimentavam e falavam que era deste modo que os alunos deveriam ser tratados. O sinal bateu, os professores foram para suas salas. Eu fiquei na sala dos professores junto de outra professora que se dizia ‘chocada’ com o comportamento da outra e que não o aprovava.

A segunda cena etnográfica também traz um professor se vangloriando por ter ‘disciplinado’ um aluno. Hora do intervalo, uma professora reclamava sobre o comportamento do aluno Frederico². Seus comentários eram corroborados por seus colegas que consideravam o menino como extremamente pedante. Um dos professores então contou como uma vez ele havia feito o Frederico o respeitar. Pois, determinado dia o aluno durante o período de fim do intervalo e retomada das aulas começara a apagar a lousa na qual o professor havia escrito alguns exercícios de matemática.

² Todos os nomes de profissionais e alunos são fictícios.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Vi o Frederico apagando a lousa e fiquei muito bravo, chutei a porta e já mandei ele pegar o caderno de alguém e escrever os exercícios novamente na lousa. Depois de escrever ele ficou até o final da aula quieto, sem conversar ou fazer gracinhas. (22/09/2016)

Mas, o que então, estas cenas etnográficas podem contribuir para a reflexão de processos educativos? O que a ideia de Ingold (2010), que a cognição humana aprenderia através de uma jornada pode nos trazer de útil à discussão? Seguirei aqui o modelo de análise proposto a partir das formulações de Zigon (2007). A sutil diferença da análise que eu realizarei da realizada por Zigon, diz respeito não a tomadas de decisões individuais, mas no plano de um grupo social de referência. Na primeira cena etnográfica, o momento de ruptura das disposições práticas na relação professor-classe acontece quando o aluno se recusa a retirar o fone, a reação da professora, principalmente em sua resposta a ameaça de o estudante chamar sua mãe para conversar na escola, atualiza a relação entre estes agentes sociais, de modo que, este estudante servira como bode expiatório, pois por ser a primeira aula depois de seu retorno a professora sentia necessidade de (re)afirmar sua autoridade. Mas, não apenas isto, ao contar o acontecimento na sala dos professores as disposições morais da professora são atualizadas novamente, pois vê que sua ação possui consonância com o pensamento da comunidade de pares. Ao mesmo tempo, as disposições práticas da sala de aula se atualizaram a partir deste momento de ruptura. Deste modo, há um aprendizado de ambos os lados, a relação professor-classe se atualiza também, de modo que tanto a professora quanto os alunos já sabem o modo de lidar uns com os outros.

Na segunda cena etnográfica, temos um relato de um professor que castigou o aluno Frederico, numa conversa com outro professor que reclamava da conduta deste aluno. O momento de ruptura para a realização e atualização das disposições tem um quê de violência física (o chute na porta). Mas, também permite apontar uma outra coisa, a atualização das disposições práticas do aluno Frederico com o castigo não o fez se tornar um aluno disciplinado, talvez apenas com o professor em questão, ou nem com este. O aluno apenas sabe agora que há um limite sobre o que ele pode fazer, no caso apagar as questões da lousa está para além deste limite. E, simultaneamente, esta conversa entre professores mostra que estes trocam técnicas e experiências referentes a (in)disciplina dos alunos. A forma como se atualizam no caso as relações professor-professor e professor-aluno, mostram que a educação da atenção se faz presente em ambos os âmbitos, não só os alunos aprendem disposições



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

morais e práticas, mas os professores também. As atualizações destas disposições ocorrem de forma frequente na escola que por mediar seus conflitos na esfera da (in)disciplina, age diretamente sobre as disposições morais das pessoas que ali estudam ou trabalham.

V. Conclusões

As cenas etnográficas podem retratar uma contrarreação dos docentes da educação básica a processos hodiernos de organização da Modernidade. Como, a desinstitucionalização dos sujeitos que retrataria uma formação e um conhecimento de mundo pelas novas gerações não mais mediado em primazia pela escola, de forma que a autoridade institucional docente, muita cara a pensadores como Arendt (1972), Durkheim (2002) e Adorno (1999), e que seria vital a formação moral, objetivo escolar como apontado por Varela e Alvarez-Uria (1992), não mais se faz ressonante como outrora. Reflexo de um processo que Deleuze (1992), traduziu como a transição de uma lógica de dispersão do poder de forma disciplinar, para uma lógica de poder baseada no controle e que Dubet (1998), nomeou de desinstitucionalização dos indivíduos.

Podemos pensar que o desenvolvimento moral de uma sala de aula é permeado de momentos de ‘moral-breakdown’ seja entre os alunos, seja entre os professores. A relação professor-aluno/professor-classe é uma *jornada*, para usar o termo de Ingold (2010). Mas, esta relação cria um campo de ação prática, no qual ambos os sujeitos sociais vão moldando a orientação de suas ações. No que tange o ambiente escolar, assim como foi dito anteriormente, este perde a primazia da inserção das novas gerações sobre os conhecimentos do mundo de forma que passa a ser apenas mais uma forma de absorção destes conhecimentos, em uma sociedade na qual as informações estão ao alcance das mãos através de *smartphones*, fica cada vez mais claro o papel moral da escola. Desta maneira, a escola, ou pelo menos as escolas observadas, possuem uma gama de conflitos internos e que foram sintetizados para a nossa reflexão nos dois casos etnográficos escolhidos. A cognição humana segundo Ingold (2010), apreende os conhecimentos ao redor através de uma redescoberta orientada, ou seja, algo que um outro ser humano já conhecia, faz com que um outro ser humano redescubra. Por isto, a noção de jornada lhe é muito cara. Mas como isto funcionaria no campo moral? Neste campo de disposições práticas, orientadas por um ‘ready-to-hand’. A análise aqui proposta, irá afirmar que os momentos descritos acima, mostram rupturas, nos ‘ready-to-hand’s de alunos e professores,



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

de modo que, há um abalo no ambiente escolar que é retomada da maneira mais breve possível e *atualiza* as disposições práticas de ambos, no caso dos professores em questão, poderia se pensar que eles se enxergariam, de certo modo, ganhadores no processo de disciplinarização dos alunos, pois estes os obedeceram - sem a necessidade uma intervenção externa, como da diretora, por exemplo. De mesmo modo, os alunos em questão e os outros absorveram, desta parte da jornada, como proceder com tal professor, não necessariamente uma apreensão de valores mais gerais da escola, mas a especificidade destes valores para estes professores. Desta forma, as disposições práticas ao serem construídas de maneira correlata, são também transformadas de maneira correlata. Portanto, a relação professor-aluno/professor-classe como uma relação de forças desenvolvida em um ambiente institucionalizado como o escolar - no qual a formação moral ocupa primazia, mesmo que não seja o que é discursado – de modo que, exista uma apreensão cognitiva de ambos acerca de seu papel, e das limitações que este carrega naquele ambiente e as formas pelas quais a sua ação pode ser orientada, ou seja, até que ponto um ou outro pode ir. A realização de uma gama de ‘testes’ que culminam em algum momento de ‘moral-breakdown’ apenas demonstra que há uma reorientação dinâmica das disposições práticas dentro deste campo social. Deste modo, pretendeu-se questionar neste trabalho se, por vezes, as atualizações das disposições morais dos atores escolares se realizam de modo a construir e considerar os dispositivos disciplinares não como meios, mas como fins do processo escolar. Bem como, inquirir se seria a internalização de disciplina pelos alunos motivo de celebração pelos profissionais, ou a (re)afirmação do docente enquanto figura de autoridade.

VI. Bibliografía

ADORNO, Theodor W. Tabus a respeito do professor. IN: ZUIN, A. A. S.; PUCCI, B.; RAMOS-DE-OLIVEIRA N. Adorno: *O poder educativo do pensamento crítico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

AQUINO, Júlio G. A violência escolar e a crise da autoridade docente. **Cadernos Cedes**, ano XIX, nº 47, dezembro/1998.

DELEUZE, Gilles. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. IN: _____. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 1992.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

DUBET, François. A formação dos indivíduos: a desinstitucionalização. IN: **Revista Contemporaneidade e Educação**, ano 3, vol.3, 1998, pp.27-33.

_____. ¿Mutaciones institucionales y/o neohberalismo?" IN: **Revista colombiana De Sociologia**, Bogotá nº 25, 2005, pp. 63 – 80.

DURKHEIM, E. *La Educación Moral*. Madrid: Editorial Trotta, S.A., 2002

FOUCAULT, M. A sociedade disciplinar em crise. IN: MOTTA, M. B. (Org.) *Estratégia, Poder-Saber: Ditos e Escritos IV*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

_____. Terceira Parte: Disciplina. In: _____. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Editora Vozes, 1987. p. 117-188.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: _____. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GOLDMAN, M. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. **Revista De Antropologia**, São Paulo, Usp, 2003, V. 46 Nº 2. pp. 445 – 476.

INGOLD, Timothy. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010.

JULLIEN, François. *Fundar a Moral. Diálogo de Mêncio com um filósofo das Luzes*. São Paulo: Discurso Editorial, 2001.

LA TAILLE, Y. et al. A Construção da fronteira da intimidade: a humilhação e a vergonha na educação moral. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 82, p. 44-55, ago, 1992.

LEANDRO, Alexandra. Corpos em movimento no espaço: Narrativas escolares. IN: **Cadernos de Pesquisa**. v.46 n.161 p.736-754 jul./set. 2016.

MARQUES, Janote Pires. A “observação participante” na pesquisa de campo em Educação. **Educação em Foco**, ano 19 - n. 28 – mai./ago. 2016 p. 263-284

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

SARAIVA, Karla. A aliança biopolítica educação-trabalho. **Pro-Posições**, Campinas, v. 25, n. 2, p. 139-156, Aug. 2014.

VARELA, Julia; ALAVREZ-URIA, Fernando. La Maquinaria Escolar. IN: _____. *Arqueología en la escuela*. Madri, Las ediciones de La Piqueta: 1992.

WEBER, Max. *A "objetividade" do conhecimento nas ciências sociais*. São Paulo: Ática, 2010.

ZIGON, Jarret. "Moral Breakdown and the ethical demand. A theoretical framework and the ethical demand". **Anthropological Theory**, 7/2. 2007.